



BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MILENA DE OLIVEIRA CRUZ

RACISMO E SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS

**Conceição do Coité – BA
2022**

MILENA DE OLIVEIRA CRUZ

RACISMO E SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS

Artigo apresentado à Faculdade da Região
Sisaleira como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof. Esp. Rafael Lima
Bispo.

**Conceição do Coité – BA
2022**

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/1222

C889 Cruz, Milena de Oliveira
Racismo e saúde mental nas escolas /Milena de
Oliveira Cruz. – Conceição do Coité: FARESI, 2022.
16f..

Orientador: Prof. Esp. Rafael Lima Bispo.
Artigo científico (bacharel) em Psicologia – Faculdade
da Região Sisaleira (FARESI). Conceição do Coité, 2022.

1 Psicologia 2 Racismo 3 Educação anti-racismo
4 Saúde mental. I Faculdade da Região Sisaleira
– FARESI.II Bispo, Rafael Lima. III Título.

CDD: 150

RACISMO E SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS

Milena de Oliveira Cruz¹

Rafael Lima Bispo²

RESUMO

A pesquisa consiste em discutir e compreender a influência que o racismo tem sobre ambiente escolar e interfere na saúde mental dos alunos e em toda rede escolar. Esse estudo contou com 12 artigos utilizados para uso referencial, extraídos de bases bibliográficas digitais como Google Acadêmico e SciELO, possibilitando assim um relevante e coerente discussão do tema. Diante disso, foram encontrados resultados significantes nos parâmetros analisados, para compreender a importância do diálogo, projetos e estratégias voltados a todo corpo escolar sobre o racismo e saúde mental nas redes escolares

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Educação anti-racismo. Saúde mental.

ABSTRACT

The research consists of discussing and understanding the influence that racism has on the school environment and interferes with the mental health of students and throughout the school network. This study had 12 articles used for reference, extracted from digital bibliographic databases such as Google Scholar, PubMed and SciELO, thus enabling a relevant and coherent discussion of the topic. Therefore, significant results were found in the analyzed parameters, to understand the importance of dialogue, projects and strategies aimed at the entire school body on racism and mental health in school networks.

KEYWORDS: Racism. Anti-racism education. Mental health.

1 INTRODUÇÃO

O racismo é considerado e conceituado como discriminação social, no qual a soberania de uma raça e suas características físicas são vistas como superiores a outras raças (SILVA, 2012). Ao falar sobre identidade, principalmente a identidade de pessoas negras, é comum que as pessoas caracterizem os indivíduos quantos as suas características raciais, de maneira reducionista na qual baseia-se somente em sua cor de pele, sendo classificados em negros ou brancos (PINTO; FERREIRA, 2014). Ciampa (1987), entende a identidade como uma metamorfose, ou seja, como

¹ Discente do curso de Bacharelado em Psicologia. E-mail: milena.cruz@faresi.edu.br.

² Docente orientador. E-mail: rafael.bispo@faresi.eu.br.

um processo que está em constante transformação, sendo oriundo de um conjunto de fatores entre a história do sujeito, seu contexto histórico e social e seus projetos.

A população negra brasileira ocupou historicamente as classes sociais mais pobres, com as condições de sobrevivência mais precárias na pirâmide social, na qual passaram a sobreviver com o mínimo de acesso as suas necessidades básicas de garantia e direito a todo cidadão. As condições indignas da população negra persistem, evidenciando o racismo silencioso e não declarado. Contra estes fatores os movimentos sociais reivindicaram por políticas públicas, nas quais prezassem pela redução da desigualdade racial existente no país, ampliando assim o acesso a bens e serviços públicos a todos, afim de minimizar os impactos oriundos da discriminação racial (DAMASCENO; ZANELLO, 2018).

A grande maioria da população negra vive em incessante sofrimento mental, devido as suas condições precárias de sobrevivência e à impossibilidade de antecipar um futuro melhor. Há diversos sintomas físicos e psíquicos advindos da constante situação, tais como: tensão emocional, angustia, ansiedade, entre outros fatores que contribuem para os agravos na saúde do sujeito alvo de racismo. A exposição cotidiana a situações humilhantes e constrangedoras podem desencadear processos desorganizadores do componente psíquico e emocional, causando no sujeito vulnerabilidade e sofrimento diante da situação vivenciada (SILVA, 2005).

Considerando que o racismo seja um problema para a saúde física e mental do sujeito, o sofrimento em decorrência desta violência passa, necessariamente, a ser um problema de saúde pública, no qual requer posicionamentos de políticas públicas que garantam o direito a um serviço de saúde mental eficaz direcionado ao sofrimento vivenciado pela população vítima de racismo (DAMASCENO; ZANELLO, 2018).

Nos últimos anos os debates acerca do racismo e a relação com a saúde mental dos sujeitos vem ganhando espaço, ainda que tardiamente, nos cenários nacional e internacional tem sido pautas a serem discutidas visando os impactos causado em decorrência da violência. O racismo, como relação de poder e sustentação de privilégios, produz subjetividades e podem gerar sofrimento psíquico, afetando inclusive crianças e adolescentes que estão em constante contato com outras crianças nas escolas, estes espaços fazem parte de sua construção social, na qual exercem forte influência na maneira como estas passam a visualizar a sociedade, construindo sua opinião crítica a respeito de variados fatores (BARROS *et al.*, 2022).

Uma constante variável na dimensão de vida e morte da população é a evidente diferença das condições de saúde entre as diversas classes sociais, a saber: membros de grupos minoritários possuem maior probabilidade a nascerem em ambientes

socialmente desfavorecidos, no qual o acesso as necessidades básicas de sobrevivência tornam-se cada vez mais precário, incluindo o acesso à escola e ensino de qualidade a crianças e adolescentes que em alguns casos precisam escolher entre trabalhar para ajudar no sustento da casa dos seus genitores ou ir à escola em busca de ensino e aprendizagem (CARDOSO; SANTOS; COIMBRA JÚNIOR, 2005; GISCOMBÉ; LOBEL, 2005 *apud* FARO; PEREIRA, 2011).

Conceitualmente, o termo desigualdade social significa a ocupação de diferentes posições na estrutura social, e por consequência, na variabilidade do privilégio de acesso a bens e serviços com disponibilidade limitada na sociedade (FARO; PEREIRA, 2011). Isso significa dizer que dentro do âmbito escolar, a criança e/ou adolecente ocupa uma posição de inferioridade quanto as outras que ocupam espaços em escolas particulares, visto que a qualidade de ensino é visivelmente mais qualificada e preparatória, tanto para o mercado de trabalho quanto para acesso a universidades.

Portanto, o presente artigo visa discutir e compreender como o racismo influencia na saúde mental das redes escolar, bem como discutir e analisar como são tratados as situações e temas relacionados ao racismo no ambiente escolar, relatar como o racismo interfere na saúde mental dos que passam pela violência e analisar as consequências vindas do racismo na saúde mental de alunos de escola pública. Neste aspecto, será abordado o racismo, seu surgimento e evolução para uma sociedade racista, leis que abordam a temática, bem como fatos históricos que comprovam a existência do racismo até os tempos atuais, dando ênfase as consequências dessa violência para alunos da rede pública, produzindo consequências para a saúde mental destes, de que modo pode prejudica-los no desenvolvimento escolar.

2 JUSTIFICATIVA

As consequências acerca do racismo nas escolas são múltiplas incluindo estresse, problemas no desenvolvimento escolar, bem como contribuindo para a baixa autoestima de crianças e adolescente. Portanto, compreender este ato na sociedade e nas escolas se faz necessário, visto que o número de pessoas que tem sofrido este ato de violência tem cada vez mais aumentado, ainda que existam leis e a constituição federal que contribuam para a escarcas deste ato de violência.

Ainda hoje, o número de casos associados ao racismo nas escolas tem cada vez mais aumentado, este ato pode contribuir para o grande número de evasão escolar de crianças e adolescentes, além da precariedade em outros serviços que são fatores de sofrimento psíquico, ter que lidar com situações de racismo dentro das escolas devido as suas características físicas que foram importas na sociedade como inferiores a outras crianças de nível sócio econômico superior e características físicas diferentes da sua, ou seja, correspondente aos padrões sociais.

Neste contexto, o artigo irá contribuir de modo a entendermos quais as consequências oriundas do racismo em crianças e jovens que são vítimas de racismo dentro do contexto escolar e de que modo este aspecto tem sido promotor de sofrimento e desenvolvido desigualdades na vida dos sujeitos.

3 METODOLOGIA

O seguinte estudo tem como fundamento uma pesquisa de caráter bibliográfico qualitativo de corte transversal, com a utilização de publicações eletrônicas (artigos e revistas) no intuito de trazer informações atualizadas sobre o tema estudado, podendo assim contribuir com a comunidade acadêmica.

Os dados foram coletados no período de agosto a junho de 2022, tendo como foco publicações sobre o racismo e a saúde mental nas escolas públicas, utilizando de enunciados para pesquisa como: “racismo”, “racismo na infância”, “racismo na educação”, “educação antirracista”, “educação”, “saúde mental e racismo” e “saúde mental”, utilizado no período temporal de 2005 a 2022.

Tendo como pesquisa de metodologia qualitativa de corte transversal, as bases bibliográficas usadas foram Google Acadêmico e SciELO, utilizados critérios de exclusão, cuja linguagem não estivesse em português. Sem utilização de filtros foram encontrados 541.000 artigos no google acadêmico e 592 no SciELO, após a utilização de filtros de pesquisa citados acima, foram selecionados mais de 35 estudos para leitura de material, e posteriormente, apenas 12 foram selecionados para o uso referencial.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RACISMO

O surgimento do racismo no Brasil para Garzon (2017) começou no período colonial, quando os portugueses trouxeram os primeiros negros para servirem de escravos nos engenhos de cana-de-açúcar, nessa época foram inseridas ideologias malignas para manter o negro em uma posição inferior aos seus senhores, reforçando que o branco, em caso de relações sexuais com o preto, que seus filhos seriam como mulas, mulato ou mulata, onde a falta de identificação segundo Santos citado por Garzon (2017), que afirma que mesmo pós escravidão o negro não se libertou dessa imagem criada pelos brancos senhores, de que são sempre avaliados pela sua cor de pele, surgindo assim a dificuldade de se reconhecer e pertencer a sua própria identidade. Santos citado por Garzon (2017) em seu discurso onde ele diz que todo esse histórico e posição de uma raça “ruim”, leva ao negro a sentir vergonha, dor e constrangimento e que é um resultado das ideologias criadas e perpassadas ao longo dos anos.

De acordo á Conceição e Conceição citado por Malafaia (2018) ao assumir a identidade negra no brasil mesmo com toda “evolução” histórica ainda pode ser algo doloroso de lidar, visto que o racismo segundo Malafaia (2018) é uma identidade que foi construída a partir de discurso da mestiçagem, afim de afirmar cientificamente a inferioridade dos povos negros, para depois a exaltação de traços brancos.

Segundo Garzon (2017) o racismo reforça um mecanismo que utiliza desde a origem da história, como instrumento para separar e dominar classes, raças, povos e etnias. Com a hierarquia das raças e inferioridade dada aos negros e valorização dos brancos, alguns cientistas europeus, demonstraram que havia sim raças além da europeia, porém com uma raça era submissa a outra, uma hierarquia.

A existência da Lei Federal n. 7.716/1989 (no art 1º, III, CB) segundo Constituição Brasileira, serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Com isso todos os comportamentos racistas citados no parágrafo anterior, diante a Lei, afronta e comete crime contra Constituição Brasileira, porém na pratica de acordo a Garzon (2017) não é tão eficaz e seguida como deveria ser.

Garzon (2017) aconselha a todos a se colocarem no lugar do branco para percebesse o racismo e suas características infinitas, onde ela ressalta quão prestígio tem o branco por ser branco, por sua cor de pele. E só assim há uma tomada de consciência de que tudo se dirige ao ser branco, a religião predominante e respeitada é branca, a história citas como exemplo e dignidade é branca, cultura pregada como correta e coerente é branca, assim como o meio de ensino e a educação nas instituições são brancas, formando assim cidadãos negros que não conheçam e reconheçam suas histórias e culturas. Dando-se então um sentimento e divisão de raças por uma hierarquia, uma divisão de seres humanos, assim dando poder a supremacia a uma cor, que os assegura e afirma que são merecedores de diferentes vivências e valores superiores ao negro.

Para Garzon (2017) o racismo não só envolveu e dividiu classes sociais por sua condição material, mas também por uma reprodução colonial, pelo negro ser marcado como objeto de comércio, sendo assim um fator extremamente importante para o racismo se estabeleça nos dias atuais, sendo enraizada desde a escravidão a atualidade, que gerou uma consequência de que o negro pode ser tratado de qualquer maneira (como objeto) mesmo após todo processo de abolição da escravatura, Garzon (2017) afirma que o problema racial chega até os dias de hoje, só que em formas diferentes.

Ainda que, mesmo com a Constituição Brasileira reafirmando que crime qualquer ato racista, a escravidão de acordo Kenski citado por Garzon (2017) deu origem a maioria dos problemas sociais dos negros na atualidade e isso se deu por conta de uma abolição mal intencionada, mal organizada, desestruturada e preparo político e econômico para acolher e tratar os negros como deveriam serem tratados com igualdade perante a sociedade.

O racismo não é um caso isolado, mas estrutural, um processo histórico, onde os negros são submetidos a vivências de opressão, exploração e humilhação por causa da sua cor de pele, e um passado relacionado a escravidão, esse racismo ultrapassa classe social e se enraíza nas relações institucionais, culturais, políticas e econômicas, tirando assim o direito e o orgulho do negro ser quem deseja ser e se reconhecer.

4.2 RACISMO E ADOECIMENTO MENTAL

Os estudos sugerem uma conexão entre racismo e saúde física que aparenta continuar ao longo da vida da pessoa alvo, que tem como resultado possíveis efeitos que comprometem diretamente a saúde mental. Este reforça que a maioria da população negra vive um eterno sofrimento mental, consequências e todo histórico que se dividem em condições precárias e a impossibilidade de antecipar ou gerar um futuro melhor (DAMASCENO, 2018).

A tensão emocional, angústia e ansiedade causa diversos sintomas físicos e psíquicos, trazendo como consequências traços de distúrbios de conduta e sofrimento vivido cotidianamente pela pessoa que é centro do racismo. Essas condições resultam em transtornos, como taquicardia, hipertensão arterial, ansiedade, ataques de raiva violenta, que são diversas e prejudiciais (DAMASCENO, 2018).

De acordo a Damasceno (2018) no século XIX no Brasil, o vínculo entre raça e doença mental, levou psiquiatras a acreditarem que eram assuntos, visões inferiores. As características étnico-raciais eram associadas a caráter, como se as doenças mentais tivessem uma ligação com sua raça. O sofrimento psíquico do negro para o pensamento eugenista não era considerado como sofrimento, mas era o destino dos negros, passarem por esse processo consequência sua cor de pele, sua genética com isso as ideias e argumentos eugenistas diminuía o sofrimento racial e étnicos que resultou no descaso da construção do conhecimento das ciências humanas sobre a saúde física e mental da população negra.

Essa ausência do olhar profissional impediu que os processos de preconceito e discriminação racial de pessoas negras com sofrimento psíquico fossem tratadas e vistas como demandas importantes para a psicologia. Nos tempos atuais a psicologia, segundo Damasceno (2018), não ficou imune da responsabilidade acerca das consequências vindas das minorias raciais e étnicas e o lugar que ocupam na sociedade, já que a psicologia tem um vácuo no histórico psiquiátrico da população negra.

Sendo assim a busca por conhecimentos perdidos para a melhoria e atendimento de uma população negra, o que tem sido recorrente, já que são crescentes os números de profissionais na psicologia a acolherem paciente/clientes com em sofrimento psíquico que passaram e passou constantemente por experiências racistas (DAMASCENO, 2018)

Existem estratégias para o combate e prevenção do adoecimento psíquico, porém estratégias limitadas que são mais concentradas no mês da representatividade negra denominado como novembro negro, mês de combate ao racismo, entretanto durante outros meses não se torna uma abordagem, espaço ou atividade voltada para o combate e diálogo sobre o adoecimento psíquico (BARROS, 2022).

Há uma dificuldade de abordar sobre este tema nas redes de assistência, principalmente vindas de psicólogos, onde essa dificuldade interfere diretamente para ações que trabalhem cotidianamente e espontaneamente na rotina dos serviços e instituições (BARROS, 2022).

A falta desses serviços e ausência do conhecimento sobre o sofrimento psíquico nas relações étnico-raciais resulta numa educação também prejudicada e com consequências, já que a formação e processos psíquicos são construídos na infância, um dos lugares mais marcantes da vida de uma pessoa é a escola, onde começa de cedo a se entender quem é, o processo da autoimagem, autoestima, quando esses traços estão ligados a experiências racistas, pontos negativos de ser negro, em consequências sobressaem a valorização de sociedade que discute sobre a importância do sofrimento psíquico ligadas as raças e etnias (NERES, 2021) .

Todas essas situações de constrangimento, humilhação podem vir a desencadear inúmeros processos desorganizadores, o racismo é um problema de saúde pública, que deve ser tratado como demanda importante para a sociedade, que causa sofrimento na saúde mental e física do sujeito (SILVA apud DAMASCENO, 2018).

4.3 CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO NA SAÚDE MENTAL EM ESCOLAS

Para Oliveira (2021), a saúde mental pode ser conceituada como “tensão entre forças individuais e ambientais que determinam a saúde psíquica do indivíduo”, porém ele ressalta que o adoecimento mental juntamente com diagnóstico são tratados de forma diferente em crianças.

Oliveira (2021), traz três aspectos que são sinais e sintomas no qual diferem esse público, que são: primeira é a importância e influência das escolas, da sociedade em si e o meio de locomoção que essa criança venha a usar. O segundo são os impactos vividos em seu ambiente, que caso seja de violência pode vir desencadear sintomas e comportamentos de transtornos mentais e físicos, e o terceiro a criança na

maioria dos casos não possuem coesão linguísticas e cognitivas, tendo assim dificuldade em se comunicar e expressar diante aos sintomas. Por isso que é necessário pais, adultos responsáveis e professores se atentar aos sinais dados por essa criança.

De acordo a Oliveira (2021) no desenvolvimento infantil na escola, o racismo pode ser percebido diante da forma que os profissionais de educação infantil lidam diariamente com crianças negras. As creches, escolas, podem ser causadoras de adoecimento psíquico vindo de práticas racistas e preconceituosas para essas crianças. Principalmente quando se refere meninos negros, que são ditados desde sua infância como malandros, bagunceiros e arteiros.

O branqueamento nas palavras de Oliveira (2021), pode ser entendido como uma repetição de padrões, que tem como objetivo destacar o padrão branco e anulação do negro. Quando essa violência é questionada entre as crianças em suas relações, esta influencia diretamente na identidade racial, além do estereótipo e discriminação, visto que o branqueamento tem por estrutura ser superior a uma etnia, propagando assim padrões de corpos, personalidades, beleza e cultura a ser seguida e ditadas como correta.

Da Cunha (2019), relata que quando um individuo não se define dentro de um processo na construção da sociedade provavelmente também não se identifique, como não se identifica é possível que não se reconheça perante seus deveres, direitos e lugar no mundo, sendo que Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019) as declarações concedidas pela população brasileira 42,7% dos brasileiros se declaram brancos, 46,8% como pardos 9,4% como pretos e 1,1% como indígenas ou amarelos.

Essa falta de reconhecimento e representatividade de acordo a Oliveira (2021), principalmente dentro do espaço escolar pode representar questões culturais ligadas ao racismo, visto que o branqueamento tem suas representações estéticas em ilustrações sobre crianças em histórias, tendo as crianças negras serem vistas e associadas como mau criadas, com péssimos comportamentos, crianças que quebram as regras, de acordo ao autor, o lugar que a branquitude tem historicamente faz com que tenham privilégios não oferecidos ou dados para população negra.

Essa marginalização e discriminação de raça segundo Nascimento (2019), podem desencadear esse efeito de não identificação, já que desde sua infância são instigados a viverem numa sociedade que existe a hierarquização dentro das classes

sociais, raciais e gênero, podendo acarretar em vários transtornos, como a saúde física e mental do indivíduo.

De acordo com Da Silva Viera (2021), a escola se destaca como lugar marcante na vida das crianças, pois elas possuem contato com a diversidade e aprendem a ter consciência de si mesmo, da sua autoimagem, sua autoestima a partir dessas relações e como são tratados, sejam elas pelos colegas, professores, gestores e funcionários na unidade escolar.

Oliveira (2021), também reforça que quando há sofrimento vindo do racismo na infância pode gerar um impacto na autoimagem, visualizado sua identidade racial inferior as demais crianças, logo sua autoestima sendo baixa poderá entrar em um processo de isolamento social.

Para Oliveira (2021), há uma necessidade de todo corpo docente ter conhecimento sobre a realidade e impacto que o tratamento racista tem para as crianças negras, logo que a falta de conhecimento sobre o tema faz com que crianças sejam afetadas diretamente, tendo sua identificação racial abalada, sendo que a segregação e restrição social dentro da unidade escolar deixa espaço para marcas intensas nessas crianças, tendo assim um processo de características internalizadas com aspectos antissociais por consequência do medo de ser rejeitado, excluído e marginalizado em determinados grupos sociais.

O ambiente escolar para Oliveira (2021), é um lugar de construção de desenvolvimento social e intelectual da criança, visto que a maioria das vezes é notado pela repetição de comportamentos e práticas racistas, tanto pelos coleguinhas, quanto por professores. Nessas praticas há uma privação para crianças com traços e fenótipos negros, fator que mesmo silencioso não deixa de ser uma pratica racista, dando oportunidade para manutenção do racismo velado.

De acordo a Oliveira (2021), o papel da escola está ligado a conhecer e executar uma educação que contribua na formação intelectual, adotando estratégias para o combate e enfrentamento ao racismo e fazendo da escola um lugar seguro para a construção de uma identidade racial positiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho é falar sobre o racismo e seu poder de interferência na vida escolar e pessoal dos alunos desde a infância, como uma temática tão pouco

debatida pode influenciar na saúde mental dos mesmo e conseqüentemente de todo corpo escolar, causando baixa autoestima, tendo dificuldades em construir uma identidade racial positiva, medo a rejeição e baixo desenvolvimento escolar.

Sendo observado que o adoecimento psíquico dessas crianças e adolescentes se inicia na infância, alguma delas e dependendo do nível, pode causa traumas, e algum deles irreversível.

Tendo como principal proposito não só perceber, como compreender, acolher esses alunos que desde a infância são apontados de forma negativa perante a sociedade e tendo como reforçador o ambiente escolar, por razão da sua raça e etnia e atentar as escolas a implantarem projetos voltados a práticas antirracistas, fazendo com que a cultura e ressignificação dessas crianças sejam discutidas e trabalhadas, para que a saúde mental na infância seja protegida e assegurada.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. *et al.* Atenção à Saúde Mental de crianças e adolescentes negros e o racismo. **Interface**, Botucatu, v. 26, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2022.v26/e210525/pt>.

CARDOSO, A. M.; SANTOS, R. V.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. Mortalidade infantil segundo raça/cor no Brasil: o que dizem os sistemas nacionais de informação? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 5, p. 1602-1608, 2005.

CIAMPA, A. C. **Psicologia Social, o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DA CUNHA, Walneia Soraia Nascimento et al. OS NEGROS E SUA REPRESENTATIVIDADE NO LIVRO DIDÁTICO E CURRÍCULO ESCOLAR.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 450-464, 2018

DA SILVA VIEIRA, Luciléia et al. Histórias de cor (-po): representatividade, subjetividade, resistência e educação, 2021.

FARO, A.; PEREIRA, M. E. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 16, n. 3, p. 271-278, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/tNVbv6Bxm9qrXSZdf4SMWxt/?format=pdf&lang=pt>.

GARZON, Sônia Maria Pereira. A FACE OCULTA DO RACISMO NO BRASIL. **Revista Reflexão e Crítica do Direito**, v. 5, n. 1, 2017

_____. Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: **X COPENE: Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia-MG**. 2018.

NERES, Efigênia Alves; BOAKARI, Francis Musa; DA SILVA, Francilene Brito. Memórias de mulheres afrodescendentes de sucesso na educação de jovens e adultos. **Revista Educação e Emancipação**, p. 448-473.

OLIVEIRA, Clarice Maynarte; RIBEIRO, Larissa Alves; RABELO, Juliana Lemos. Impacto do racismo na saúde mental da criança negra: uma revisão de literatura Impact of racism on the mental health of black children: a literature. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 28768-28782, 2021.

_____. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 2022.

PINTO, M. C. C; FERREIRA, R. F. Relações Raciais no Brasil e a Construção da Identidade da Pessoa Negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, jul/dez, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v9n2/11.pdf>.

SILVA, M. L. **Racismo e os efeitos na saúde mental**. Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Saúde, p. 129-132, 2004. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20ledu/129-132MariaLucia.pdf>.